

# O exercício da obediência em favor da unidade eclesial

## Exercising obedience in the name of ecclesial unity

Recebido: 14/08/2019 | Aceito: 23/12/2019

Célia Maria Ribeiro\*

**Resumo:** A história sempre tem fatos e pessoas que, cedo ou tarde, dão margem a revisões dos registros produzidos ao longo do tempo, suscitando novos questionamentos pelas nuances pouco exploradas ou envolvidas numa névoa de dúvidas. Somente a partir de uma releitura, faz-se possível o preenchimento de lacunas ou mesmo a inserção de dados literalmente desconsiderados em toda a trajetória passada. Levando em consideração essa perspectiva, o presente artigo tem por objetivo analisar a relação eclesial entre dois líderes religiosos, Pe. Pedro Arrupe e Papa João Paulo II, no momento emblemático de transformações mundiais decorrentes da II Guerra Mundial, quando são observados o estabelecimento de regimes totalitários e a disseminação de ideologias combativas à ortodoxia cristã católica.

**Palavras-chave:** Pedro Arrupe; João Paulo II; regimes políticos; orientação eclesial.

**Abstract:** History is always solicitous of revision, for sooner or later its facts and characters will be assessed by different approaches, from which new questions will be raised, advancing meanings never explored before, as well as illuminating new fields of knowledge that used to be ignored. Taking into account this perspective, this article aims at investigating the ecclesial relationship between two religious leaders – the Jesuit Priest Pedro Arrupe and Pope John Paul II, focusing on the iconic moment of worldwide transformations taking place after the World War II, when regimes of totalitarian leaning began to take hold of many nations worldwide, spreading – during their encroachment – ideologies of hatred towards Catholicism and Christianity.

**Keywords:** Pedro Arrupe; John Paul II; political regimes; ecclesial orientation.

### Padre Pedro Arrupe: breve relato histórico

Embora a biografia de Pedro Arrupe seja ampla, ressaltam-se aqui, em linhas gerais, os principais aspectos de sua trajetória, descritos a partir da obra do Pe. Pedro Miguel Lamet, SJ, e também do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici, localizado em Indaiatuba/SP, para os dados gerais. Pedro Arrupe, filho de Marcelino Arrupe, arquiteto, e de Dolores Gondra, que eram ambos católicos, nasceu no dia 14 de novembro de 1907, em Bilbao, país basco da Espanha. De 1914 a 1922, estudou no colégio dos Padres Escolápios. Um ano depois, aos 16 anos de idade, iniciou o curso de Medicina em Madrid, obtendo notas extraordinárias. Severo Ochoa, que ganharia o

---

\* Doutora em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: cmariar@uol.com.br.

prêmio Nobel de Medicina, figura entre os seus colegas (Cf. PERFIL, 2007, p. 70 apud RIBEIRO, 2018, p. 26).

Com a morte de seu pai, em 1926, decidiu fazer uma viagem a Lourdes com as suas irmãs e fica impressionado com as curas milagrosas presenciadas naquele Santuário Mariano, sobre o qual expressa: “Senti Deus muito perto.” Por meio da Congregação Mariana de Santo Estanislau Kostka, conheceu os Jesuítas e, no dia 25 de janeiro de 1927, ingressou no Noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Cinco anos depois, enquanto estudante de Filosofia, presenciou a expulsão dos jesuítas da Espanha. Ainda na Europa dos anos 1930, na condição de estudante de Teologia na Alemanha, conheceu a ideologia nazista, sobre a qual declarou: “Para mim, foi um tremendo choque cultural” (PERFIL, 2007, p. 70 apud RIBEIRO, 2018, p. 26).

No dia 30 de julho de 1936, foi ordenado sacerdote, na Bélgica. Em seguida, foi destinado a realizar estudos de moral médica, nos Estados Unidos da América. Nesse país, trabalha na Pastoral Carcerária, ocasião para o contato com a miséria humana. Dois anos depois, Pe. Pedro Arrupe já estaria em Yokohama, no Japão, país ao qual queria ser enviado em missão, desejo concretizado por meio de pedido feito ao Superior Geral da Companhia de Jesus, anos antes. Em 1940, atua na Paróquia de Yamaguchi, repleta de recordações de São Francisco Xavier; lá mergulha na cultura e na espiritualidade japonesa, praticamente um processo de inculturação. Em 1941, o Japão entra na II Guerra Mundial, e Pe. Arrupe é preso acusado de espião. Permanece um mês na cadeia (ibidem, p. 26-27). Em 6 de agosto de 1945, na função de Mestre de Noviços, perto de Hiroshima, é testemunha de uma das maiores atrocidades cometidas naquele país: a explosão da bomba atômica (ibidem, p. 27), sobre a qual, escreveria mais tarde:

O barulho não era muito, mas veio com uma labareda que fazia lembrar magnésio a arder. Por momentos, alguma coisa, seguida por uma coluna vermelha de chamas, caiu velozmente e houve nova explosão, esta terrível, uns quinhentos e setenta metros acima da cidade. A violência desta explosão é indescritível. Línguas de fogo azuis e vermelhas saíram disparadas em todas as direções. Logo de seguida um barulho atroz e insuportáveis ondas de calor caíram sobre a cidade, arrasando-a. Tudo o que podia arder ardeu e os metais derreteram-se. Esta foi a tragédia inicial. No instante seguinte um gigantesco amontoado de nuvens rodopiou no céu. No centro da explosão apareceu uma bola medonha e gerou-se uma onda de gases que se deslocou à velocidade de oitocentos quilômetros por hora e varreu tudo num raio de seis quilômetros. Dez minutos depois uma espécie de chuva negra caiu na zona noroeste da cidade (LAMET, 2010, p. 196-197 apud RIBEIRO, 2018, p. 27).

O atendimento emergencial aos feridos, particularmente aos jesuítas, que moravam numa residência no centro da cidade, foi o primeiro ímpeto sentido por ele. “Mas era impossível dar um passo porque o fogo fechava os caminhos.” Por isso, mudou de ideia, dirigindo-se à capela, que estava com uma das paredes posta aos pedaços em decorrência da explosão. “Em todo o lado havia morte e destruição... e nós aniquilados pela impotência.” Ao sair da capela, tomou imediatamente a decisão de transformar a casa em hospital, pois tinha estudado Medicina. Embora sem a experiência prática da

profissão, aquela seria a circunstância de tornar-se médico e cirurgião. Entre outras medidas, enviou os rapazes da casa para obter o que fosse possível, de qualquer maneira, para suprir a despensa que estava vazia, a fim de que os primeiros feridos encontrassem alimento para a satisfação da fome. Os atingidos eram “fantasmas ambulantes com a pele a soltar-se, a flutuar em farrapos ou fundida com a roupa enegrecida”. Pe. Arrupe transformou rapidamente a biblioteca e o vestíbulo em enfermaria e o escritório do reitor em sala de operações. Algumas queimaduras eram decorrentes da luta por escapar dos escombros; outras, no entanto, formadas meia hora após a terrível explosão. Mas, até então, a relação era desconhecida pelos feridos. A situação era desconcertante, como assinalado: “hoje sabemos que eram queimaduras causadas por radiações infravermelhas, que atacam os tecidos e destroem não só a epiderme e a derme como o tecido muscular, provocando assim as supurações que tantos mortos fizeram e tanto nos desorientavam” (LAMET, 2010, p. 196-197 apud RIBEIRO, 2018, p. 27-28). Foram inúmeros os casos atendidos naquele período de sofrimento populacional. A recordação já faz parte de uma vivência perpétua fora da história, mas inserida na eternidade imóvel, conforme descrito por Pe. Arrupe (ibidem, p. 28).

Finalmente, em 1965, foi eleito Superior Geral da Companhia de Jesus. De fato, mais do que a breve descrição de dados pontuais de sua biografia, está uma caminhada repleta de desafios:

Expulso de Espanha durante a segunda república, como os restantes jesuítas, cidadão do mundo por vocação e formação, testemunha de exceção da bomba atômica, Arrupe passou por tudo, desde o regime nazi na Alemanha e a II Guerra Mundial até a experiência de ser acusado de espião e preso e à incompreensão de alguns dos próprios irmãos. Mas foi sobretudo enquanto superior-geral de uma das ordens mais influentes da Igreja Católica que viveu as convulsões que caracterizariam o século XX e as conhecidas tensões dos jesuítas com a Santa Sé (ibidem, p. 28).

É considerado uma das personalidades mais discutidas da Igreja Católica na atualidade. Há quem o considere uma “figura catastrófica” do pós-conciliar, ao lado de quem “o admira pelo espírito apostólico, pelo trato humano, pela liderança religiosa e pelo carisma profético e evangélico” (ibidem, p. 28). Acometido de um acidente vascular cerebral, ao regressar de uma viagem ao Oriente, em 1981, Pe. Arrupe foi substituído por um delegado pontifício, Pe. Paolo Dezza, SJ, nomeado sob a intervenção do Papa João Paulo II, mediante a dramática circunstância, sem objeção tanto da parte do próprio enfermo quanto dos demais jesuítas. Durante a Congregação Geral 33<sup>a</sup>, foi o primeiro Superior Geral a apresentar a carta de renúncia ao cargo (Cf. PERFIL, 2010, p. 72. apud RIBEIRO, 2018, p. 28). Impossibilitado de falar, o texto foi lido por um companheiro. Concluída a leitura, Pe. Pedro Arrupe “recebeu a mais veemente e prolongada ovação de todo um *parlamento* jesuítico de pé, jamais ouvida por outro superior”. (LAMET, 2010, p. 24 apud RIBEIRO, 2018, p. 28). O conteúdo da carta talvez seja uma das significativas razões para a calorosa manifestação:

Agora mais do que nunca, sinto-me nas mãos de Deus. É o que desejei toda a minha vida, desde a juventude. E isso é o único que continuo a desejar agora. Mas, com uma diferença: hoje, toda a iniciativa é do Senhor. Saber-me e sentir-me totalmente em suas mãos é uma profunda experiência. (PERFIL, 2010, p. 72-73 apud RIBEIRO, 2018, p. 29).

Muitas pessoas que o conheceram sentiram-se honradas com a sua amizade. Gente anônima, chefes de governo, cardeais, jornalistas e empresários trocaram correspondência com Pe. Arrupe ou visitaram-no em seu leito de doente, devido ao acidente vascular cerebral e à semi-inconsciência, que o mantinham no pequeno quarto da casa generalícia, próxima do Vaticano, do qual “entregou a alma ao Criador no dia 5 de fevereiro de 1991” (LAMET, 2010, p. 23-24 apud RIBEIRO, 2018, p. 29).

## De Karol Wojtyła a Papa João Paulo II

Karol Jozef Wojtyła nasceu em 18 de maio de 1920, na cidade de Wadowice, Polônia. Era filho de Karol, tenente do Exército, e de Emilia Wojtyła, costureira. Um ano antes, em 1919, e pelo Tratado de Versalhes, a Polônia recuperava suas fronteiras e a independência do país, que estava sob o domínio de países vizinhos desde 1795. No entanto, a recente República Polonesa seguia às voltas com a ameaça de invasão da Rússia Bolchevique de Lênin. Em 16 de agosto de 1920, poucos meses depois do nascimento de Karol, a Polônia é liberta da ameaça comunista pelo marechal Jozef Pilsudski na vitória chamada “Milagre do Vístula”, às margens do rio com o mesmo nome (Cf. BAR; KOCH; LEHIDEUX, 2012, p. 1).

O recém-nascido foi batizado na Igreja Santa Maria, localizada em frente ao prédio onde a família morava. Tinha outro irmão, Edmund, com 14 anos de idade, enviado, posteriormente, para Cracóvia a fim de estudar medicina. Nesse período, a mãe externou o desejo de que o filho caçula fosse padre. O menino teve uma infância regada pelo convívio com os pais, colegas de escola e Jerzy Kluger, o melhor amigo entre estes, e pela prática de esportes: jogar futebol e andar de patins (ibidem, p. 2). Aos 9 anos de idade, deparou-se com a morte de sua mãe, em 13 de agosto de 1929, com apenas 45 anos. O seu irmão mais velho estava com 21 anos e concluía a faculdade de medicina. O pai, promovido a capitão, estava aposentado e dedica todo seu tempo ao filho caçula. Homem muito religioso, dedicava-se também à oração e à leitura da Bíblia junto ao menino. Em setembro de 1930, Karol entra em outra escola, levanta-se cedo diariamente para ajudar na missa, em companhia de seu pai, e ainda é coroinha. A sua casa estava sempre aberta aos colegas que precisavam de uma ajuda nas lições, pois Karol era um bom aluno, e todos eram incentivados por seu pai. O seu irmão mais velho tornou-se pneumatologista no hospital na Cracóvia e sempre que lhe era possível visitava a família em Wadowice (ibidem, p. 4).

Certo dia, entra, por acaso, na casa do vizinho Mieczyslaw Kotlarczyk, que estava ensaiando uma peça de teatro a qual Karol é convidado a ver. “Seduzido, Karol não demora a subir no palco. Nos anos seguintes, torna-se o principal ator da trupe da Escola.” E decide consigo mesmo que seria ator. Entrementes, outra morte ocorreu na

família: em 5 de dezembro de 1932, falece seu irmão mais velho, após ter contraído escarlatina de um de seus pacientes. Além das atividades extracurriculares, Karol entra para a confraria de Maria, jovens que queriam consagrar-se à promoção da devoção à Mãe de Jesus (ibidem, p. 5). Um incidente com outro bom amigo, Boguslaw, filho do dono de um restaurante, quase tira a vida de Karol. Fazendo uso de uma arma confiscada por seu pai, Boguslaw atira por “brincadeira” na direção de seus colegas, entre eles Karol, que se desviou rapidamente. Somente depois dos disparos é que Boguslaw tomou ciência do perigo a que submeteu o seu amigo. “A Providência velava pelo futuro João Paulo II” (ibidem, p. 5-6).

Em 1938, monsenhor Adam Stéphan Sapielha, Bispo de Cracóvia, visita a escola onde Karol estuda e o diretor, Pe. Zacher, pediu a Karol que fizesse o discurso de boas-vindas, cujo texto não recebeu nenhuma alteração. Impressionado, o bispo expôs ao diretor escolar que o jovem seria um excelente padre. Mas Karol – justificava o diretor – estava interessado mesmo no teatro. Nesse mesmo ano, o antissemitismo torna-se público e os estudantes começam a debater sobre o tema na escola, com a participação de Karol. Em 27 de maio daquele ano, Karol termina o colégio e entra na prestigiosa Universidade Jaguelônica, em Cracóvia, para estudar Literatura. Paralelamente aos estudos, ele entra na confraria de teatro de Cracóvia, sempre com o incentivo de seu pai, que o acompanhava a fim de morarem juntos na casa da irmã de sua falecida mãe (ibidem, p. 6-7).

No dia 1º de setembro de 1939, primeira sexta-feira do mês, o jovem Karol ajudava na missa matinal da Catedral. Após o encerramento, soube que a Alemanha tinha acabado de invadir a Polônia (ibidem, p. 7). O ato de agressão nazista resultou no início da II Guerra Mundial, em consequência do ressentimento de Hitler por causa de territórios perdidos pela Alemanha na década de 1910. “Começa o êxodo, com milhões de refugiados pelas estradas”. Mas, diante do cansaço de seu pai e receoso de encontrar os russos pelo caminho, cujo exército vermelho tinha invadido a Polônia no dia 11 de setembro do mesmo ano, sugere o retorno deles à Cracóvia. A cidade estava ocupada pelos nazistas e Karol precisava de um trabalho, pois seu pai estava envelhecendo. Tentou inicialmente no teatro, mas tinham sido fechados pelos alemães. Viu-se, então, obrigado a trabalhar como pedreiro e, depois, passou a ser operário de uma fábrica de química. Alguns meses seguintes, na noite de 18 de fevereiro de 1941, outra morte o esperava, a de seu pai (ibidem, p. 8-9).

Juliusz Kydrinski, outro colega de escola de Karol, convida-o para morar com a sua família. Agradecido, Karol permanece com eles até o reencontro com Mieczyslaw e sua esposa, que estavam refugiados em Cracóvia. Desde então, passam a morar juntos no apartamento no qual morava com o seu pai, pois estava vazio. Com a criação do “teatro rapsódico”, o grupo entra na resistência com o objetivo de salvar a cultura e a alma da nação polonesa. Na Grécia Antiga, os rapsodos eram poetas que iam de casa em casa para transmitir coragem ao povo em tempos de guerra. Mieczyslaw pede-lhes prudência, pois, ao contrário dos combatentes de armas, o grupo combateria com “a força da palavra e da convicção”. Enquanto isso, o jovem operário continuava o seu trabalho na fábrica, sem deixar a leitura e as atividades religiosas, ações que eram acompanhadas de elogios por seus colegas de trabalho. No outono de 1942, Karol comunica ao Pe. Figlewicz a sua decisão de se tornar padre. Este era o único padre da

Paróquia de Santo Estanislau Kostka, devido a uma batida da GESTAPO. Lá, Karol conhece também Jan Tyranowski, leigo responsável da supervisão espiritual dos jovens na ausência dos padres salesianos deportados. O momento não era favorável, pois os nazistas tinham proibido a formação de novos padres; a de Karol seria feita na clandestinidade. Quando soube da decisão, na primavera de 1943, o seu “mestre e caríssimo amigo” Mieczyslaw tentou persuadi-lo a mudar de ideia, mas, para Karol, não haveria “mais representações” (ibidem, p. 10-11).

Em 29 de fevereiro de 1944, Karol foi atropelado por um caminhão de soldados, motivo para ser levado ao hospital, onde permaneceu nove horas em coma. Durante a sua saída, recebeu ter o mesmo destino de seu colega seminarista Zerzy Zachuta, fuzilado pelos alemães. Karol continuou o seu trabalho na fábrica e os estudos no seminário clandestino dirigido por Sapieha, então arcebispo, resistente ao regime nazista. Em 1º de agosto do mesmo ano, Varsóvia entra em combate sangrento e a repressão é terrível. A capital foi “completamente arrasada, por ordem direta de Hitler”. Cinco dias depois, “a GESTAPO varre a cidade para impedir um levante”. Naquele mesmo instante, os alemães faziam patrulha na rua onde morava o casal Kotlarczyk; invadiram a residência para a revista e não encontraram Karol, que preferiu ficar em seu próprio quarto, no porão, rezando. Quando a revista acaba, Mieczyslaw considera que Karol foi salvo por um milagre. A fim de evitar as patrulhas, ele é conduzido, às escondidas e definitivamente, para a arquidiocese (ibidem, p. 12-13).

O receio dos nazistas continuava, o que impôs algumas medidas de segurança como o uso de batinas para parecerem padres e novos documentos de identidade, mediante o alerta para nunca saírem do palácio episcopal sob pena de colocarem em risco as próprias vidas. A ausência de Karol na fábrica em que trabalhava também estava sendo devidamente tratada junto aos alemães, pois, conforme o reitor responsável pelo grupo de seminaristas, o sumiço de um rapaz era comum naquele período. Enquanto isso, o exército vermelho conflitava com os alemães. O bispo ajudava os prisioneiros e confortava as famílias, além de conviver com a falta de padres na paróquia. “Tudo isso sem qualquer possibilidade de contato com Roma”. Ele também se desdobrava na emissão de certificados de batismo aos judeus para salvá-los da deportação (ibidem, p. 14-15).

No inverno de 1944, os russos invadem Cracóvia, bombardeando as fábricas da região. O território polonês foi dividido entre a Alemanha e a União Soviética. Lituânia e Eslováquia também receberam pequenas partes. Os poloneses não se renderam, estabeleceram o Estado Secreto Polaco e uma sede subterrânea para o seu exército. Ambas as potências invasoras foram hostis a um estado polaco soberano. O exército alemão, entretanto, continuava resistindo. Certa manhã, os alemães dão início à retirada da cidade levando tudo o que roubaram dos museus. Em janeiro de 1945, com o avanço dos exércitos da União Soviética, os alemães foram definitivamente expulsos da Polônia. Contudo, os generais e marechais soviéticos visitavam constantemente o bispo local. A rotina voltava, pouco a pouco, ao normal, porém sob a presença uniformizada dos novos ocupantes. A Faculdade de Teologia retoma as aulas de maneira regular; Karol conclui o seu terceiro ano de curso. Em 30 de abril, Hitler se suicida em Berlim e, em 8 de maio, houve a rendição da Alemanha. Josef Stalin, por sua vez, recusou o

retorno do governo polonês exilado em Londres, impondo à Polônia um novo regime totalitário. Segundo palavras do próprio jovem Karol: “Depois da barbárie vem o ateísmo. Depois do antissemitismo e da exterminação étnica, a luta programada contra Deus” (ibidem, p. 15-18). Stalin era chefe de governo da União Soviética, que participou, junto de Franklin Roosevelt, dos Estados Unidos, e Winston Churchill, primeiro ministro do Reino Unido, da Conferência de Yalta (ou Ialta) na Crimeia. Também conhecida como Conferência da Crimeia, foi composta de um conjunto de reuniões ocorridas entre 4 e 11 de fevereiro de 1945, para decidir o fim da II Guerra Mundial e a repartição das zonas de influência entre o oeste e o leste.

O futuro papa começa o seu quarto e último ano de Teologia, antes de sua ordenação sacerdotal. Enquanto trabalha como professor assistente, ele se pergunta se deveria tornar-se carmelita descalço, diante do que é aconselhado pelo monsenhor Sapieha a concluir o que havia começado. Em 18 de fevereiro de 1946, monsenhor Sapieha é nomeado cardeal em Roma. Karol, após ter sido aprovado nos exames, é ordenado padre no dia 1º de novembro de 1946, na pequena capela da arquidiocese. Já preside não uma, mas três missas no dia seguinte. Alguns dias mais tarde, em 11 de novembro, realiza o seu primeiro batizado, filho de um casal de amigos do teatro rapsódico. O recém-sacerdote é surpreendido com o seu envio a Roma, por dois anos, para realizar o aprofundamento dos estudos na Universidade Pontifícia São Tomás de Aquino (ibidem, p. 18-19).

Em Roma, Pe. Karol fica hospedado no Colégio Belga e, em seus momentos de lazer, passeia a pé pela cidade acompanhado de seus colegas. Também viaja muito pela Itália e visita San Giovanni Rotondo, onde se confessa com Pe. Pio, “o célebre capuchinho estigmatizado”. Durante as férias, percorre a França, Bélgica e Holanda e, em 19 de junho de 1948, conclui o seu doutorado. É nomeado, então, vigário de Niegowic, uma pequena paróquia rural a 40 km de Cracóvia, o que lhe possibilita rever a sua “querida Polônia”. Ao chegar àquelas terras, beija-as literalmente, gesto que lhe será costumeiro em suas futuras visitas papais aos diferentes países do mundo. É bem recepcionado pela população local e pelo pároco, Pe. Kazimierz Buzala. Encarregado da catequese de crianças, Pe. Karol aproveitava o tempo disponível que se seguia posteriormente para jogar futebol com os pequenos. Também se dedicava a novos projetos como a iniciação das crianças no teatro e trabalhava no cultivo da horta local para a sua própria subsistência. Mas, era no confessionário que descobria a beleza do sacerdócio, pois lá dizia “encontro as almas na profundidade de sua humanidade”. Assim, seguia o seu trabalho pastoral, ciente do risco da ausência de uma vida espiritual profunda, bem como o de tornar-se administrador, encarregado de uma repartição paroquial. Pe. Karol ainda encontrava tempo para colaborar com o semanário católico “Tygodnik Powszechny” (ibidem, p. 19-21).

Passados oito meses de sua chegada, em 17 de março de 1949, Pe. Karol é destinado à paróquia de São Floriano em Cracóvia. Depois do campo, retornava à cidade. O regime comunista exercia forte pressão contra a Igreja. A nomeação do monsenhor Wyszynski como primaz da Polônia, pelo Papa Pio XII, em 12 de novembro do ano passado, parecia desagradar aos comunistas, que ainda teriam de lidar com a resistência do cardeal Sapieha. Pe. Karol, agora na condição de capelão da Universidade

Jaguelônica, encantava a todos por “sua personalidade e seus ensinamentos”. Os jovens conheceram a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino em latim e, ainda, o canto gregoriano. Eram também motivados a visitar os doentes e os cegos. A prática esportiva também fazia parte do programa do Pe. Karol, com excursões, caminhadas e a descoberta da natureza. No inverno, ainda praticavam o esqui, para o relaxamento. A intenção era “estar com os jovens, caminhar, andar com eles, ajudá-los a descobrir sua humanidade e a superar seus problemas, assim como Cristo veio acompanhar os homens há 2000 anos” (ibidem, p. 22-23).

Entretantes, a preocupação com as investidas comunistas era constante no ministério do cardeal arcebispo. Então, Pe. Karol lhe apresenta o seu programa de preparação para o casamento, considerado essencial por Sapieha. Alguns meses antes de sua morte, em 21 de julho de 1951, o cardeal havia confiado a capelinha dos funcionários da saúde ao Pe. Karol, que se mostrou bastante afetado pela sua partida deste mundo. O falecido cardeal foi sucedido pelo ex-arcebispo de Lvov na Ucrânia soviética, Eugéniusz Baziak, que, mesmo sem o reconhecimento oficial das autoridades soviéticas, foi nomeado por Roma a fim de exercer as novas funções. Uma vez instituído, fez a concessão de dois anos sabáticos ao Pe. Karol, para que este obtivesse um segundo doutorado e passasse a dar aula nas universidades. Nesse período de estudos, também estava autorizado a dar continuidade às suas atividades pastorais em São Florianópolis. Após a conclusão da tese, a partir de outubro de 1953, o Pe. Karol passa a ser professor do seminário da Cracóvia e da Universidade de Lublin. Os direitos do homem, a família e a defesa da vida são temas constantes de suas várias conferências e textos. Mantém ainda o acompanhamento pastoral dos jovens e os passeios na natureza. Outros esportes são apresentados por seus respectivos alunos, como andar de caiaque ou ainda de bicicleta, modalidades que são bem recepcionadas pelo Pe. Karol (ibidem, p. 24-25).

A situação política no país, entretanto, seguia problemática e tensa. “Diante da miséria crescente, das perseguições e da prisão do cardeal Wyszynski na primavera de 1956, o povo de Varsóvia vai às ruas.” Pediam a soltura do cardeal, pão e liberdade, e expressavam “querer Deus” em suas vidas. No outono, Gomulka, secretário-geral do partido comunista polonês, cede e propõe um acordo: a liberdade religiosa pela neutralidade política. Concretizou-se, assim, a libertação do cardeal. Em função do contexto político, Pe. Karol dedica-se aos estudos da doutrina marxista, sem deixar as aulas na universidade e a produção textual ou o acompanhamento dos seus alunos. No começo de agosto de 1956, ao longo de uma excursão de quinze dias de caiaque no norte da Polônia, recebe a notícia de sua nomeação como bispo auxiliar de Cracóvia. Em diálogo com o cardeal Wyszynski, soube que a respectiva oficialização tinha ocorrido no dia 4 de julho, pelas mãos do Papa Pio XII. Teve ainda um breve encontro com o arcebispo Baziak, antes de seu retorno às costumeiras atividades. Em 28 de setembro de 1958, aos 38 anos, Pe. Karol foi oficialmente consagrado na nova função. Poucos dias depois, em 9 de outubro, falece o Papa Pio XII, que é sucedido por João XXIII. Este, com três meses de pontificado, aos 25 de janeiro de 1959, anuncia a sua intenção de reunir um Concílio, o Vaticano II (ibidem, p. 25-28).

O bispo Wojtyła continua a sua missão com um dos temas que sempre lhe foi muito caro: a santidade da instituição do casamento. Escreve um livro e uma peça de

teatro a respeito do assunto. Sempre atento à questão da fé, é categórico em seu posicionamento frente ao regime político em vigência no país: “Não devemos conceder nada aos comunistas.” Ainda naquele ano, em 1962, envia uma carta ao Pe. Pio, em San Giovanni Rotondo, solicitando que este rezasse por sua amiga psiquiatra, Wanda Poltawskaia, em perigo por causa de um câncer. Era uma mulher de quarenta anos, mãe de quatro filhos. Durante a guerra, passou cinco anos em campo de concentração, na Alemanha. Dez dias depois, o bispo Wojtyla recebe a notícia de que ela estava totalmente curada. Então, envia o seu agradecimento ao Pe. Pio (ibidem, p. 28-29).

Em 15 de junho de 1962, falece o arcebispo Baziak, e o bispo Karol torna-se o administrador temporário. Em 11 de outubro do mesmo ano, começava o Concílio Ecumênico Vaticano II, e o bispo Wojtyla embarca para Roma junto da delegação polonesa, a fim de participar daquele evento histórico. Durante os recessos, ele praticava natação numa praia próxima de Roma. Em 3 de junho de 1963, falece o Papa João XXIII, sucedido pelo cardeal Montini, arcebispo de Milão, em 22 de junho, sob o nome de Paulo VI. Poucos meses depois, em 18 de janeiro de 1964, o Papa nomeia Karol Wojtyla arcebispo de Cracóvia. Ainda que estivesse recém-empossado, o arcebispo participa de todas as sessões do Vaticano II até a conclusiva, em dezembro de 1965 (ibidem, p. 30-31).

De volta a Cracóvia, mantinha-se atento aos problemas das igrejas perseguidas pelo regime comunista e mostrava solidariedade ao próximo. As ordenações sacerdotais, que estavam proibidas nas igrejas da Tchecoslováquia, foram realizadas na Polônia, sendo que os futuros padres atravessaram clandestinamente a fronteira. Em 29 de maio de 1967, o arcebispo Wojtyla é informado de sua nomeação a cardeal, aos quarenta e sete anos de idade. Preocupado com a cerimônia de posse, marcada para o dia 28 de junho, fez uma mudança no “guarda-roupa”, a fim de adequar todos os itens necessários, inclusive o par de meias vermelhas, “artigo indispensável para um futuro príncipe da Igreja”. Após a nomeação, o cardeal Wojtyla retorna a Cracóvia, onde consegue a autorização para, enfim, construir a igreja de Nowa Huta, cujo trabalho é iniciado imediatamente (ibidem, p. 31-32). O bairro foi construído para ser modelo do comunismo e um estandarte da propaganda stalinista. A construção era resultado de um acordo firmado entre Josef Stalin e o presidente polonês Boleslaw Bierut. Em que pese os aspectos historiográficos pertinentes ao assunto, o fato é que a elevação de sua primeira igreja foi possível somente em 1967.

Aos poucos, o cardeal torna-se uma figura cada vez mais pública. O regime comunista se dá conta de que ele não é o homem que esperava e passa a criar-lhe muitas dificuldades, até mesmo a ponto de ter as linhas telefônicas de sua casa grampeadas com escutas. Por força de suas obrigações, é levado a ausentar-se por várias ocasiões de Cracóvia. Em 1976, o cardeal Wojtyla é convidado a pregar o retiro da Quaresma para a Cúria Romana, presidida pelo Papa Paulo VI. Embora com responsabilidades sempre crescentes e os compromissos internacionais, o cardeal Wojtyla preserva o zelo de pastor, dedicando atenção às pessoas com as quais se encontra pelo caminho (ibidem, p. 33-35).

Passados dez anos de trabalhos, a igreja de Nowa Huta, símbolo da liberdade, é finalmente concluída. Foi consagrada, em 15 de maio de 1977, na presença de uma multidão, que escutava as palavras do cardeal Wojtyla: “Esta cidade não é uma cidade

povoada de gente sem raízes, que se pode manipular segundo as leis e as regras da produção e do consumo. Esta cidade é uma cidade de filhos de Deus.” No ano seguinte, em 6 de agosto, falece o Papa Paulo VI. No conclave iniciado no dia 25, foi eleito o seu sucessor: o cardeal Albino Luciani, arcebispo de Veneza, com o nome de João Paulo I, que morre após trinta e cinco dias de pontificado, em 28 de setembro de 1978. Um novo conclave é iniciado em 15 de outubro daquele ano. No dia seguinte, após a quarta votação, é anunciado o futuro papa: o cardeal Karol Wojtyła, que adota o nome de João Paulo II, o 264º sucessor da cátedra de Pedro. Assim se pronunciava em suas primeiras palavras, após a eleição: “eu temia essa nomeação, mas aceito-a no espírito de obediência a Nosso Senhor Jesus Cristo e de total confiança em sua mãe, a santíssima Virgem Maria” (ibidem, p. 35-38).

### Ruptura ou Obediência?

Em carta escrita ao seu primo, Fernando, quatro dias depois do conclave no qual foi eleito o cardeal Karol Wojtyła, Pe. Arrupe, devido à preocupação com a saúde das suas irmãs, afirma: “Recebi hoje a tua carta de 3 de Outubro, na qual me contas em pormenor a visita que fizeste à minha irmã Maria em La Moraleja.” Na sequência, agradece-o pela clareza com que descreve “o estado” em que a encontrou até falar sobre a outra, Catalina, e sua necessidade de “uma vida descansada”. Ao posicionar-se diante das “vicissitudes por que temos passado em Roma nos últimos meses e da grande surpresa que nos reservou o último conclave na pessoa de sua santidade João Paulo II”, declara: “não duvido de que seja para bem da Igreja” (LAMET, 2010, p. 420-421). Em outra carta escrita à família, no dia 17 de janeiro de 1979, mostrava-se preocupado com a violência no país basco: “É claro que, com a proximidade das eleições, a situação pode tornar-se mais tensa.” E acrescentava:

No dia 11 de Dezembro tive a primeira audiência privada com o Santo Padre, homem de personalidade notável, que se apercebe com muita facilidade da situação de determinada pessoa ou instituição. Foi sempre muito amável e no fim deu-me uma bênção especial para a Companhia. Mandeí fotografias do encontro à Catalina e a ti mando uma em que o Santo Padre se prepara para me dar a bênção (ibidem, p. 422).

A respectiva fotografia mostra Pe. Arrupe de joelhos a receber a bênção do Papa João Paulo II e foi enviada para todas as casas da Companhia de Jesus. Na mesma carta, ainda foi informada a sua futura participação na III Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM. O convite era irrecusável: “Pois pareceu-me um acontecimento tão importante que aceitei o convite. Encomendo em especial às tuas orações esta viagem e a reunião de Puebla” (ibidem, p. 422). De 28 de janeiro até 13 de fevereiro de 1979, quatrocentas pessoas, sendo trezentos e quarenta e seis congressistas e cinquenta e quatro auxiliares, reuniram-se para a retomada do que fora iniciado na II Conferência do CELAM, ocorrida em Medellín, na Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968 (ibidem, p. 422).

Em Puebla, havia várias tendências, entre as quais aquela que defendia “que se recuasse relativamente às decisões de Medellín”, objetivo refutado. Formado por mais de trezentas páginas, o documento final “revelava a existência de três teologias na América Latina, uma tradicional, outra do desenvolvimento e a terceira da libertação”. Em linhas gerais, a reunião esteve marcada por uma mensagem de esperança ao continente latino-americano, sem, contudo, a omissão de assuntos pertinentes ao período histórico, como por exemplo a condenação ao coletivismo marxista, mas também ao liberalismo e à doutrina da segurança nacional; a condenação à violência da guerrilha, mas também à violência institucional. Por outro lado, era observada a valorização das culturas autóctones e a defesa das denúncias proféticas. Temas considerados mais polêmicos e menos importantes, como o celibato, obtiveram escassas referências (ibidem, p. 422).

Por ocasião de uma entrevista coletiva à imprensa, realizada no dia 9 de fevereiro, Pe. Arrupe fez questão de responder à pergunta escrita, conforme o procedimento estabelecido, feita por alguém do grupo e que se referia a uma carta que o Papa João Paulo II lhe teria escrito, na qual condenava muitas atitudes e muitas pessoas da Companhia de Jesus. A pergunta, que era curta, foi respondida da mesma forma: “Não quero ser indelicado, mas não recebi essa carta”, seguida de um sorriso de sua parte e o engraçamento de todos (ibidem, p. 425). De repente, um representante do jornal mexicano de extrema direita *El Heraldo de México*, Sanchez, questionou oralmente Pe. Arrupe, embora tenha escrito a pergunta, sobre o que o fizera condenar os jesuítas Luis del Valle, Alfonso Castillo, Enrique Maza e Porfirio Miranda, sendo que dois deles já nem sequer eram jesuítas. A energia, clareza e o humor de sua resposta impressionaram os presentes: “Está a fazer de geral da Companhia, senhor Sanchez. Quando me apercebo de um erro chamo a atenção para ele, mas pessoalmente, não diante das câmeras de televisão.”

(...) Quanto à acusação de marxismo, é preciso distinguir a análise marxista da realidade, que parte pode estar correcta e ser aproveitada de alguma maneira (como todas as doutrinas, budismo ou outra qualquer que queira apontar), do marxismo como ideologia global, que se opõe à espiritualidade cristã... Reuni-me há dias com os cerca de cento e vinte jesuítas que estão agora em Puebla e asseguro-lhe que foram os momentos mais felizes da minha estada nesta cidade. Há sociólogos, teólogos, etc., e vêm bispos consultá-los, mesmo que não estejam na conferência. Eu próprio os consulto. Como se vê, não há aqui nenhuma Puebla paralela, isso é mais um chavão (ibidem, p. 425-426).

No regresso de Puebla, o Superior Geral passou por Madrid, foi a La Moraleja, onde celebrou missa para a sua irmã María, a religiosa, que estava muito doente, e telefonou para a sua irmã Catalina, em Bilbao. Na carta que escreveu a seu primo Fernando, em 23 de fevereiro, já em Roma, relatou o breve encontro com a sua irmã e depois discorreu: “Não há dúvida de que a experiência de Puebla foi muito interessante e creio será muito proveitosa para a Igreja latino-americana e, por extensão, para toda a Igreja”. A seguir, fez uma menção ao encontro com os jornalistas, no México, para uma

entrevista “concorrida” com muitas perguntas e na qual se debruçou sobre “os temas mais importantes”. Ao referir-se ao Papa João Paulo II, destaca o seu envolvimento com a população mexicana, cuja visita obteve bons resultados. Impressionado com a sua disposição, ponderou: “É difícil perceber como aguentou aqueles dias de trabalho intenso, em que se dirigiu, numa língua relativamente nova para ele, trinta e cinco vezes aos fiéis, quase sempre reunidos em verdadeiras multidões” (ibidem, p. 427).

A experiência em Puebla ficaria registrada concretamente em Pe. Arrupe. No dia 5 de novembro de 1979, o Superior Geral dirigiu uma carta aos provinciais da América Latina, depois de um encontro que esses tiveram em Lima, com base numa frase do documento final de Puebla, “a missão fundamental da Igreja é a de evangelizar aqui e agora e de olhos postos no futuro”. A mensagem tratava da fé profunda dos latino-americanos, a qual era preciso defender, educar e purificar. Insistia também no seguinte ponto: “perante injustiças e desigualdades, não pode deixar de se afirmar a opção preferencial pelos pobres, tendo no entanto o cuidado de não pôr em primeiro plano os aspectos econômicos e políticos desta escolha” (ibidem, p. 428). Quanto às relações com a Santa Sé, essas seguiam difíceis. Papa João Paulo II recepcionou com palavras severas um grupo de provinciais:

Sede fiéis às leis do vosso instituto, especialmente no que se refere à austeridade da vida religiosa e comunitária, sem ceder a tentações seculares, e tende um profundo sentido da disciplina interior e exterior e da ortodoxia na doutrina. Sede plenamente fiéis ao magistério supremo da Igreja e do romano pontífice... Praticai o apostolado próprio de uma ordem de presbíteros, cuidando do carácter sacerdotal da sua actividade, por diferentes ou difíceis que sejam as empresas apostólicas (ibidem, p. 429).

Pe. Arrupe apressou-se a escrever aos provinciais. A respectiva carta, com data de 19 de outubro, convidava-os a refletir sobre “as considerações do papa” e pedia-lhes para “fazerem um exame de consciência relativamente aos desvios apontados”. Explicitava ainda: “Todos devem conformar-se com os desejos do papa.” Esse, contudo, não era o único documento do gênero. Escrevia, cada vez mais, cartas com o objetivo de “insistir na fidelidade ao magistério da Igreja”. Dois casos são considerados exemplos do pedido.

O primeiro diz respeito à carta enviada aos provinciais dos Estados Unidos devido a um protesto em que se pedia a ordenação de mulheres, numa cerimônia de ordenação no país. “Ainda que pessoalmente seja a favor de uma legítima investigação e de uma reflexão teológica, estou convencido de que protestos numa cerimônia de ordenação, ou relacionados com ela ou com outro tipo de liturgia, não combinam”. O segundo estava relacionado com o livro do jesuíta norte-americano John J. McNeill intitulado *The Church and the Homosexual*, publicado nos Estados Unidos em 1976 e condenado em 1977 pela Congregação da Doutrina da Fé, pois, de acordo com o parecer dessa esfera de julgamento, defendia uma opinião contrária ao ensino tradicional e atual da Igreja Católica. O autor, com declarada tendência homossexual, ainda que, por força de sua opção religiosa, não a exercesse, sustentava que a Igreja deveria tratar os homossexuais de outra maneira. A publicação da tradução em italiano do livro, sem

autorização da Igreja nem do autor, obteve “profunda desaprovação” de Pe. Arrupe (ibidem, p. 429-430).

A conferência proferida pelo Superior Geral, no dia 18 de janeiro de 1979, sobre “O Nosso Modo de Proceder” é considerado um excelente estudo da atualização e da identidade do jesuíta, referente aos tempos que se seguiam àqueles acontecimentos. Mas, desde o discurso do Papa João Paulo II, uma ideia tentava Pe. Arrupe: “Se o meu estilo de governo não agrada ao papa, devo demitir-me”. Não obstante, outro fato acrescentava-se à referida ideia: embora o Papa João Paulo II não simpatizasse com certos desvios da Companhia de Jesus, nomeou um jesuíta para arcebispo de Milão, Pe. Carlo Maria Martini, renomado biblista, reitor da Universidade Pontifícia Gregoriana, em substituição a Giovanni Battista Montini, um dos candidatos tido como mais certo à sucessão de Pe. Arrupe. Devido à necessidade de permanecer em Roma para assistir à ordenação episcopal do Pe. Martini, ocorrida no Dia de Reis, Pe. Arrupe foi obrigado a adiar a viagem prevista para a Índia, cuja saída estava prevista para o dia 1 de janeiro, mas efetivada somente no dia 8 do mesmo mês (ibidem, p. 430).

Em que pese o entusiasmo, ainda mais espiritualizado e desprendido, de sua estada na Índia, o retorno lhe reservava uma notícia nada agradável: a sua irmã religiosa, Maria, havia falecido no dia 20 de março de 1980. Embora triste, manteve a fé em Deus, pois “o Senhor há de ter em conta o seu sofrimento e há de recompensá-la”. Dentre as intervenções de Pe. Arrupe, em 1980, duas são postas em destaque: a primeira pelo encontro com os jesuítas que trabalhavam na missão operária, os padres operários. Esse tipo de missão foi considerado como “muito próprio” da Companhia de Jesus, nos tempos de então; e a segunda pela palavra proferida em 30 de setembro, no sínodo dos bispos dedicado à família, por sinal, o último no qual faria uma intervenção (ibidem, p. 432-433).

A capacidade de proximidade humana e de compreensiva participação para com as famílias em dificuldades e uma prudente capacidade de espera, que sempre caracterizaram a ação pastoral dos grandes evangelizadores, levamos a compreender que o apostolado é substancialmente maturidade e arte, que equivalem respectivamente à clareza de princípios e à sabedoria cristã (ibidem, p. 433).

O tema da justiça foi, indubitavelmente, o que mais conflitos provocou nas intervenções sinodais e na análise dos inúmeros discursos de Pe. Arrupe. Mesmo assim, deduz-se não ter sido o único abordado por ele, nem sequer o principal. “A sua obsessão foi a fé, e portanto a falta de fé. Deste compromisso surge a sua grande abertura ao mundo e a todos os assuntos humanos” (ibidem, p. 433).

A questão da renúncia seguia também sob a consulta pessoal, que levava em consideração a possibilidade estabelecida na Congregação Geral 31<sup>a</sup> de apresentação da renúncia do cargo de Superior Geral, embora vitalício. Então, de acordo com as regras, solicitou “o parecer dos assistentes e dos provinciais sobre a suficiência e a gravidade das causas” que o levavam ao pedido de demissão. Oficialmente, a justificativa apresentada era a idade avançada, setenta e três anos, o que fora de difícil convencimento, se considerada a sua excelente saúde. No início, os quatro assistentes que lhe eram mais próximos, o francês Calvez, o indiano Parmananda, o irlandês

McGarry e o norte-americano O'Keefe, recusaram o pedido. Pe. Arrupe manteve a decisão e, após uma semana de discernimento espiritual, eles cederam ao Superior Geral. Depois, seguiu-se à segunda etapa, a consulta aos provinciais, que a fariam por voto secreto. De sessenta e duas respostas obtidas, cinquenta e oito foram favoráveis à renúncia. Mas, juridicamente, a última palavra caberia à congregação geral, sendo necessário convocá-la (ibidem, p. 433-434).

Antes, porém, Pe. Arrupe fez um comunicado ao Papa João Paulo II, não porque a isso fosse obrigado, mas pelo vínculo especial que a Companhia de Jesus tinha com ele. Depois de algumas tentativas, conseguiu, enfim, uma audiência com o Papa, em 30 de maio de 1980. Este lhe fez duas perguntas e limitou-se a pedir que Pe. Arrupe aguardasse a resposta. Preocupado com as acusações contra a Companhia de Jesus, Papa João Paulo II fez uma investigação internacional. Ao final de treze dias de espera, Pe. Arrupe recebeu uma carta escrita pelo próprio Papa ordenando que o Superior Geral “suspendesse os planos de convocar a congregação geral”, pois não seria oportuna para o bem da Igreja e da Companhia de Jesus. Houve um comentário de que o Papa João Paulo II, a exemplo do Papa Clemente XIV, “teria ponderado seriamente a possibilidade de suprimir a Companhia de Jesus”, nada, porém, com fundamento documental (ibidem, p. 434-435).

Contudo, Pe. Arrupe continuava demonstrando grande devoção ao Papa João Paulo II, chegando “à extrema delicadeza de descer todos os domingos, às primeiras horas da tarde, à esquina de Borgo Santo Spirito, por onde passava a comitiva papal que visitava semanalmente as paróquias de Roma” (ibidem, p. 435). Pe. Arrupe ainda realizaria muitas outras atividades e viagens, até que, em 30 de junho, em meio aos preparativos das congregações provinciais, prévias à Congregação Geral, soube da decisão papal: “Considerando o bem da Companhia e da Igreja não seria oportuno convocar agora a congregação geral. Não deve sequer dar-se início às congregações provinciais nem às assembleias de superiores previstas” (ibidem, p. 436).

Em agosto de 1980, cerca de um ano antes de sua doença, Pe. Arrupe manifesta o interesse de realizar os Exercícios Espirituais com o acompanhamento do Pe. Luis González, diretor do Centro de Espiritualidade Inaciana de Roma, cujo testemunho é considerado valioso para o conhecimento dos sentimentos que povoavam o interior de Pe. Arrupe, como o anúncio de sua entrada na paixão do Senhor. “A noite escura aproximava-se, esperava-o um longo e profundo calvário”. No dia 9 de novembro do mesmo ano, empreenderia nova viagem: Índia, Ceilão, Singapura, Banguécoque, com dois dias de estada em Madrastra e oito em Kuala Lumpur. No dia 17 de novembro, já em Roma, escreveu aos sobrinhos agradecendo os cumprimentos pelo aniversário natalício, setenta e três anos de idade (ibidem, p. 436-440).

A partir do segundo semestre de 1981, tudo seria diferente em sua rotina diária. O ano, que tinha iniciado com muitas atividades, marcaria o início do silêncio, ao longo de dez anos, decorrente do acidente vascular cerebral que lhe fez uma dolorosa pausa nas entrevistas, cartas, viagens, decisões, jornadas frenéticas de trabalho, tensões com a Santa Sé e nos encontros com chefes de estado, chefes de governo, cardeais da Santa Madre Igreja, superiores gerais de ordens religiosas, entre as visitas de personalidades culturais ou políticas (ibidem, p. 441-442). O inevitável desligamento do cargo de Superior Geral, descrito oportunamente, tem, portanto, estreita relação com esse cenário

geral. Dias antes de seu falecimento, o Papa João Paulo II o tinha visitado na casa generalícia da Companhia de Jesus, em Roma. E, após a sua morte, “expressou seu pesar à Companhia de Jesus, que o lembra como um ‘exemplo de santidade no serviço missionário, no testemunho da fé e no zelo pela Igreja’” (ibidem, p. 73).

## Conclusão

A relação aparentemente conflituosa entre o Superior Geral da Companhia de Jesus e o Papa não era isenta de tensões decorrentes do emblemático contexto político vigente no período em que há o encontro direto entre os dois líderes religiosos, cada qual em sua esfera de atuação. Obviamente que, do ponto de vista hierárquico, a última palavra foi e, até decisão em contrário, sempre será a do Papa. A questão está ligada à articulação entre as partes envolvidas, pois isso, sim, é o que conta para suavizar ou intensificar as consequências, positivas ou negativas, do processo decisório. No caso em análise, Pe. Arrupe demonstrava declarado interesse em “ajustar” as ações da Companhia de Jesus de acordo com as orientações papais, embora soubesse das expectativas internas de sua própria congregação. Contudo, ciente de que essas distoavam, inclusive de seus próprios objetivos enquanto corpo eclesial, fez o possível para reverter a situação. Nesse sentido, o Papa João Paulo II voltava a sua atenção para o Superior Geral e a respectiva relação que este mantinha com as inadequações assinaladas pelo Sumo Pontífice, haja vista a sua posição favorável anteriormente à represália papal, ainda que essa tivesse sua origem em pontificado que antecedeu ao de João Paulo II, mas para a qual este Papa dava continuidade.

Papa João Paulo II, de formação notadamente baseada na doutrina cristã ortodoxa e com acessível trânsito no âmbito interno da Igreja, obteve maior conhecimento do funcionamento do alto escalão institucional, com o qual estava alinhado e de cujos membros tinha a admiração e o respeito. Não se trata de emitir juízos acerca do quão isso representava para si próprio, mas tão somente de destacar que esse aspecto estava presente em sua caminhada eclesial e fomentava a sua ascensão ao posto mais alto da Igreja. Uma vez “empossado”, era rigoroso na manutenção do *status quo* cristão. Papa João Paulo II considerava que os valores cristãos estavam acima de qualquer objetivo ou pensamento contrário, sobretudo de qualquer ideologia. Nesse sentido, atuava como um “guardião” dos ensinamentos da Igreja, sem qualquer exceção. O desafio estava em que as pessoas se adaptassem ao seu conteúdo e, não, o contrário, pois o inverso afrontava uma das características da vida do cristão: “a renúncia a uma ideologia construída em nome do cristianismo” (RAHNER, 1989, p. 467). Em que pese o desejo pelo aprofundamento do assunto, o que se pretende aqui é tão somente assinalar a motivação de sua postura naquele contexto em específico e cujas marcas são sentidas até o presente momento.

A leitura realista da vida cristã era cultivada também por Pe. Arrupe, sob as bases ainda mais testemunhais. Para a melhor compreensão desse aspecto, ressalta-se também que, na Companhia de Jesus, há três graus: Professos, Coadjuutores Espirituais e Coadjuutores Temporais. Os Professos são o núcleo da congregação religiosa; além dos votos de pobreza, castidade e obediência, fazem o “Quarto Voto” de obediência especial

ao Romano Pontífice. Os Coadjuutores Espirituais fazem somente os três votos e ajudam nos ministérios sacerdotais. Já os Coadjuutores Temporais são os Irmãos, que fazem os três votos e ajudam nas tarefas temporais como administração, enfermagem, manutenção das casas, entre outras. Na Companhia de Jesus, o “Quarto Voto” é uma condição essencial desde a sua origem (Cf. RIBEIRO, 2018, p. 46). Pe. Arrupe, portanto, levava isso em consideração pela explícita colaboração na resolução da problemática em andamento e legítima liderança frente ao grupo. Diante das orientações papais, cabia especialmente a obediência. Em que pese o aspecto aparentemente institucional da decisão do Superior Geral, a obediência visa ao sentido da originalidade de Santo Inácio de Loyola quanto à concepção e à prática da Vida Religiosa Consagrada de natureza apostólica.

No que se refere à prática, o governo espiritual da Companhia de Jesus expressa que o primeiro membro que deve zelar pela vivência da vida de obediência a Deus e à Igreja é o Superior Geral, que se espera “ser um homem de fé”. Nessa perspectiva, obediência significa “assumir, identificar-se e realizar na vida o carisma missionário da Companhia de Jesus”, para o qual são colocados os talentos, as capacidades, o tempo e a saúde (WEBER, 2016, p. 29 apud RIBEIRO, 2018, p. 223). Destaca-se ainda que “a obediência está distante de algo pontual, em certos momentos ou por ocasião de transferências”. Pelo contrário, está ligada “à disposição ininterrupta de cada dia, pois tudo o que o jesuíta faz quer ser uma pequena contribuição para que se realize o reinado de Deus e cresça a salvação da humanidade”. Em Santo Inácio de Loyola, já se encontrava uma justificativa nos seguintes termos: “Estejam todos deveras dispostos a observá-la e a distinguir-se nela; e não só nas coisas de obrigação, mas também nas outras, mesmo sem ordem expressa, a um simples sinal da vontade do Superior” e especialmente em “espírito de amor” e sem “a perturbação do temor” (Cf. Constituições, 6ª Parte, nº 547 apud RIBEIRO, 2018, p. 224). A Pe. Arrupe, provavelmente isso era bastante conhecido.

## Referências

- BAR, Dominique; KOCH, Louis-Bernard; LEHIDEUX, Guy. *A vida de João Paulo II: Karol Wojtyła, de Cracóvia a Roma*. São Paulo: Corvara, 2012.
- COMPANHIA DE JESUS. *CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS anotadas pela Congregação Geral XXXIV e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. São Paulo: Loyola, 2004.
- DI FÁTIMA, Branco. *Nowa Huta, a cidade comunista*. Huffpost Brasil: 2014. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/branco-di-fatima/nowa-huta-a-cidade-comunista\\_a\\_21664679/](https://www.huffpostbrasil.com/branco-di-fatima/nowa-huta-a-cidade-comunista_a_21664679/)>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- GOOGLE. *Conferência de Yalta na Crimeia*. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?ei=k-vBXPvJAeKG0AaR6aTQCQ&q=Confer%C3%A0ncia+de+Yalta+na+Crimea&ocq=Confer%C3%A0ncia+de+Yalta+na+Crimea&gs\\_l=psy-ab3.0i22i30.25851.36938..37647...3.0.0.246.4141.9j22j2....2.0....1..gws-wiz.....0i71j0i131j0i131i67j0i67j0i67i70i251j0j0i22i10i30j33i160.svwNkgmfEQw](https://www.google.com.br/search?ei=k-vBXPvJAeKG0AaR6aTQCQ&q=Confer%C3%A0ncia+de+Yalta+na+Crimea&ocq=Confer%C3%A0ncia+de+Yalta+na+Crimea&gs_l=psy-ab3.0i22i30.25851.36938..37647...3.0.0.246.4141.9j22j2....2.0....1..gws-wiz.....0i71j0i131j0i131i67j0i67j0i67i70i251j0j0i22i10i30j33i160.svwNkgmfEQw)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

LAMET, Pedro Miguel. *Pedro Arrupe: testemunha do Século XX – Profeta para o Século XXI*. 3. ed. Coimbra: AO Braga/Tenacitas, 2010.

PERFIL. A Aventura de um Jesuíta: Pedro Arrupe (1907-1991). *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana*, São Paulo, n. 70, p. 70-73, dez. 2007.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.

RIBEIRO, Célia Maria. *O espírito do pastor: a espiritualidade inaciana no ministério do Papa Francisco*. 2018. 275 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Daniel Neves. *Invasão da Polônia e início da Segunda Guerra Mundial*. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/invasao-polonia-inicio-segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

WEBER, João Quirino. Governo Espiritual na Companhia de Jesus. *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana*, São Paulo, n. 105, p. 19-32, set. 2016.